

O conhecimento médico engloba um grande fluxo de conhecimentos em contínua transformação.

A Psiquiatria Infantil, paralelamente a essa problemática, se coloca outra, já referida por Heuyer em 1952. Ela existe?

Muitos psiquiatras, céticos e resistentes a idéia, colocam-na somente como um capítulo da Psiquiatria Geral. Por seu lado, os pediatras procuram pensá-la como uma parte da medicina infantil.

Nesse território controverso, ela desponta de modo totalmente diverso da Psiquiatria Geral, uma vez que engloba a noção de "evolução" que será presente em todas as suas vertentes. Isso porque a criança é um ser em desenvolvimento e, em consequência, um ser em aberto, um "vir-a-ser".

Dessa forma, seu valor social como especialidade, mais do que no presente, se apóia no futuro.

Seu campo é também extremamente vago.

Reportando-nos novamente a Heuyer, podemos dizer que corresponde ao atendimento e estudo "da criança ou adolescente que à insuficiência de suas atitudes ou os transtornos de caráter e de comportamento, e algumas vezes a associação dos dois fatores, quer de origem hereditária, quer de origem adquirida, colocam-no em dificuldades prolongadas com as exigências sociais, de acordo com sua idade e ambiente".

Posteriormente a essa delimitação do objeto e do campo da Psiquiatria da Infância, outra questão se coloca, relativa à sua aplicação dentro do chamado modelo médico.

Muitos dirão que vê-la dessas forma é limitá-la, desumanizá-la ou mesmo simplificá-la.

Entretanto, como diz Guze, em trabalho de 1993, diagnóstico, patogênese, etiologia, história natural, tratamento e epidemiologia são conceitos médicos que sugerem estratégias clínicas e de pesquisa amplamente passíveis de serem aplicadas em nossa especialidade.

Talvez a dificuldade seja porque ela possui interfaces diferentes e a mesma importância dada à psicopatologia, genética, fisiologia, farmacologia e patologia, deva ser dada à psicologia do desenvolvimento, às correntes psicoterápicas e às abordagens da família.

O psiquiatra da infância, portanto, embora tenha a necessidade de trabalhar com diferentes referenciais teóricos, bem como diretamente ligado a profissionais de outras áreas deve, ao realizar seu trabalho, preservar um modelo médico que o caracteriza como portador de uma especialidade autônoma e independente. Dentro desse escopo é que, conforme já dissemos anteriormente, esta publicação existe.

Este número, mais uma vez, tenta preservar sua coerência enquanto idéia.

Dessa maneira, apresenta um temário amplo que se estende da clínica psiquiátrica e da psicofarmacoterapia, às visões psicoterápicas e de acompanhamento terapêutico, sem esquecer-se das bases neurofisiológicas de um dos fenômenos mais importantes dentro do campo da Psiquiatria: a ansiedade.

Essas visões diversas parecem-me o modelo adequado para se pensar sobre a Psiquiatria da Infância.

O modelo médico, longe de invalidar qualquer outro, contribui para seu crescimento acadêmico e, as contribuições derivadas de outras áreas do conhecimento enriquecem-na e a tornam singular.

Francisco B. Assumpção Jr.